



O USO DA LITERATURA INFANTIL NA UTI: UM CONVITE À REFLEXÃO E À DISCUSSÃO PARA OS PROFISSIONAIS SOBRE A MORTE E O MORRER

Anelise Fonseca^a, Fátima Geovanini^b

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE

Morte, unidade de terapia intensiva, literatura, cuidados paliativos.

Introdução: O comportamento contemporâneo da sociedade ocidental diante da morte revela as dificuldades enfrentadas pelo homem quando se depara com sua finitude. O silêncio e a tentativa de afastamento da morte são atitudes comumente observáveis, caracterizando esse tema como assunto tabu, mesmo nos espaços onde ela se faz rotineiramente presente, como no caso das instituições hospitalares. Para os profissionais da saúde, que diariamente desempenham funções relacionadas com a morte, também encontramos barreiras que podem acarretar sofrimento, tanto para o profissional como para os pacientes e sua família. Especial atenção deve ser dispensada às unidades de terapia intensiva, locais onde a morte e o sofrimento se fazem ainda mais presentes, exigindo dos profissionais contínuas e rotineiras estratégias de enfrentamento. **Método:** Descrever a literatura infantil como estratégia de auxílio no enfrentamento da morte, na rotina de trabalho do profissional da unidade de terapia intensiva. **Resultado:** Atualmente conta-se com rico acervo de livros infantis que, utilizando linguagem densa e poética, tratam de questões relativas à morte, funcionando como importante estímulo para a discussão e o desenvolvimento de questões complexas relacionadas à morte, ao morrer e ao luto. **Conclusão:** Ao utilizar a literatura infantil como instrumento facilitador do processo de reflexão e discussão sobre a morte e o morrer, acredita-se que sua importância esteja no compartilhamento das emoções entre os membros de uma equipe multiprofissional, promovendo amadurecimento pessoal e o fortalecimento do trabalho em conjunto.

CHILDREN'S LITERATURE IN INTENSIVE CARE UNITS: AN INVITATION TO REFLECTION AND DISCUSSION FOR PROFESSIONALS ABOUT DEATH AND DYING

ABSTRACT

KEYWORDS

Death, Intensive Care Units, literature, palliative care.

Introduction: The behavior of our contemporary society in the face of death reveals the difficulties encountered by man when faced with human finitude. Silence and the attempt to keep away from death are commonly observed attitudes, characterizing the issue as a taboo subject, even in areas where it is routinely present, such as hospitals. For health care professionals, who daily perform functions related to death, we also found barriers that can cause suffering for both the professional and for patients and their families. Special attention should be paid to the Intensive Care Unit, where death and suffering are even more present, and require continuous and routine coping strategies from health care workers. **Method:** To describe children's literature as a strategy to aid in coping with death in routine work of Intensive Care Unit professionals. **Results:** Currently there is a rich collection of children's books which, using a dense and poetic language, deals with issues related to death, functioning as an important stimulus for the discussion and development of complex issues related to death and bereavement. **Conclusion:** The use of children's literature as a facilitator of the process of reflection and discussion about death and dying shows that its importance lies in the sharing of emotions among members of a multidisciplinary team, promoting personal growth and strengthening of group work.

^aDoutoranda da Escola Nacional de Saúde Pública e membro da Comissão de Cuidados Paliativos SBGG/RJ.

^bDoutoranda da Escola Nacional de Saúde Pública e membro da Comissão de Cuidados Paliativos SBGG/RJ.

Dados para correspondência

Fátima Geovanini – Rua 19 de Fevereiro, 101/102 Botafogo, Rio de Janeiro – RJ. Tel.: (21) 8617-2755. E-mail: f.geovanini@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O comportamento da sociedade ocidental frente aos aspectos relacionados ao adoecimento e à morte revela as dificuldades do homem para aceitar sua finitude. A espécie humana é a única a ter conhecimento antecipado de sua mortalidade, não apenas por instinto, mas principalmente pela racionalidade de seu conhecimento. Trata-se de um saber que desperta questões, demandando elaborações em torno do tema, que comumente podem ser observadas nos diversos campos da produção artística, cultural, filosófica, científica e psicanalítica.¹ Segundo Freud, não há registro para o significativo morte em nosso inconsciente, o que torna praticamente impossível para o paciente imaginar a própria morte. Assim, todos ficam convencidos da própria imortalidade, fato que somente será colocado em questão quando se depara face a face com a morte, seja por um evento de doença seja pela morte de alguém, familiar ou não.²

Atualmente observa-se uma dualidade no comportamento frente à morte, variando da fala excessiva ao silêncio sepulcral. Na mídia, a morte pode ser exaustivamente falada, especialmente quando se trata de eventos trágicos, divulgando sua faceta cruel e assustadora. Por outro lado, a morte de uma pessoa pode desencadear no núcleo familiar o desejo de ocultamento de informações para as pessoas consideradas potencialmente mais frágeis, como as crianças e os idosos.^{3,4}

Para Elias, o processo civilizador foi decisivo, não apenas no estilo de enfrentamento da morte, mas também no próprio processo de morrer das pessoas. Para o autor, a tendência ao ocultamento da morte aumentou desde o século XIX, acompanhando o desenvolvimento de nossa civilização, contudo observam-se mudanças no estilo de encobrimento realizado, especialmente na modernidade. O autor afirma que, quanto maior o desenvolvimento da sociedade, proporcionalmente maior será a tentativa de recalcamento da morte e, segundo suas pesquisas, a morte já foi mais pública, familiar e comentada do que é nos dias atuais.⁴ Para acrescentar, pode-se destacar a tendência social atual para o afastamento de crianças da cena da morte e dos rituais fúnebres, na tentativa de poupá-las de assistir à tristeza dos amigos e familiares.^{3,4}

Apesar dessa realidade, é possível observar o surgimento de uma tentativa de aproximação do tema ao público infantil através da literatura. Atualmente encontra-se quantidade significativa de livros infantis voltados para a discussão de temas existenciais e que auxiliam na elaboração psíquica do leitor. Paiva⁵ atenta para a dificuldade de abordagem da morte no âmbito escolar, desenvolvendo uma pesquisa sobre a utilização dos livros infantis como recurso para trabalhar a problemática da morte e do luto com crianças e profissionais da área da educação. Esse estudo evidenciou a aplicabilidade dos livros infantis como instrumento para o estímulo à re-

flexão e à abertura ao diálogo em torno dessas questões para crianças, adolescentes, adultos e idosos. Temas como dor, adoecimento, perda, processo de morrer, morte e luto são tratados de forma realista, reconhecendo a morte como um evento pertencente ao ciclo da vida, sem deixar de lado a simplicidade e a beleza da poesia, assim como a oportunidade de celebração desse ser que se despede.⁶ Entretanto, ressalte-se que, se a morte é um tema tabu para nossa sociedade, encontra-se intensificado, no cotidiano de seu trabalho, entre os que lidam diretamente com a vida e a morte: os profissionais de saúde. Essas pessoas rotineiramente enfrentam a morte sob diferentes pontos de vista, seja conduzindo um caso de extrema gravidade, seja comunicando o evento, exercendo os rituais do cuidado em um paciente no final de sua existência, oferecendo suporte ao luto e, por esses aspectos, deveriam receber estímulo e auxílio para a reflexão do tema e a capacitação técnica que os habilite a assumir suas responsabilidades diante da morte dos pacientes. Diante desse cenário pretende-se apresentar neste artigo um método de trabalho de grupo que, utilizando os livros infantis, visa proporcionar um espaço de acolhimento, discussão e reflexão sobre a morte entre os profissionais da área da saúde.

A MORTE, OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE E OS CUIDADOS PALIATIVOS

Para os profissionais da saúde, independentemente da área e do local de atuação, a morte é um assunto frequente na rotina, embora nem sempre esteja inserida nas reflexões individuais e nas discussões de equipe. No contexto hospitalar, como em nossa sociedade, a morte também é encarada como algo inviolável, mas que inevitavelmente terá que ser enfrentado de alguma maneira. Entretanto, o tema permanece distante da realidade desse profissional e é necessário um fato pontual, na maioria das vezes, para que haja envolvimento.

Vianna e Piccelli⁷ mostraram, a partir de um inquérito realizado com estudantes de medicina, médicos residentes e professores médicos, que a maioria dos respondedores nunca participou de um debate ou foi preparada, em aula, sobre o tema morte. Os autores também identificaram que a vivência pessoal foi fator de estímulo para que esse grupo de entrevistados se interessasse pela temática. Nuland⁸ aponta que, de todas as profissões, a medicina é a que apresenta mais chances de atrair pessoas com alto grau de ansiedade com relação à morte. Dessa forma, existem evidências de que o despreparo dos profissionais de saúde, essencialmente o médico, na abordagem da morte está presente em determinados locais de atuação, e o hospital pode ser considerado um local de prevalência significativa dessa dificuldade. Destaca-se, inclusive, a unidade de terapia intensiva (UTI) por sua peculiaridade, uma vez que é o local de maior concen-

tração de mortes dentro de uma unidade hospitalar. Essa área específica do hospital é o destino de pacientes de maior gravidade do ponto de vista clínico, quando se exige vigilância contínua e o uso de medicações e dispositivos eletrônicos em função do risco iminente de morte. Por isso é o local onde a equipe multiprofissional, diante da dualidade vida-morte, vive em constantes conflitos e desafios, do ponto de vista técnico ou pessoal. O clássico estudo *Support* mostrou que os pacientes moribundos recebiam todo o arsenal terapêutico possível, porém com índices elevados de sofrimento. Esse estudo reflete o despreparo do profissional diante da terminalidade da vida humana, provocando sentimentos de impotência, de culpa e de medo. Pode-se afirmar que esse é um local propício para reflexão, elaboração e adoção de novas condutas no enfrentamento diário dessa realidade. O tema morte deveria ser considerado uma questão ímpar na área da saúde, demandante de ações cujo alvo principal é capacitar o profissional da UTI, técnica e emocionalmente, para lidar com essa realidade em sua rotina de trabalho. Um grupo de pessoas aptas a oferecer um suporte e capacitar esses profissionais, tecnicamente formadas para atuar nesse cenário da morte, é o grupo da palição.⁹

Os cuidados paliativos como área do saber cuja essência é o estudo da morte oferecem sustentação teórico-prática, estando o paliativista apto a auxiliar outros profissionais nos desafios da finitude. O objetivo é agir em diferentes demandas identificadas nas intervenções farmacológicas, nos cuidados de enfermagem e nos âmbitos psicossocial e espiritual, procurando amenizar o sofrimento do paciente e de sua família. Uma forma de inserir o suporte do paliativista nesse trabalho seria através de ações em conjunto com outros profissionais, mediante a solicitação de parecer ou com a formação de uma parceria, compartilhando condutas e decisões. O que se espera dessa parceria entre o paliativista e os profissionais da UTI é a mudança do enfoque do objetivo desse trabalho, permitindo atuar nas necessidades individuais, respeitando os desejos e trabalhando com os receios do paciente e de sua família. Ao final, propicia a divisão de responsabilidades e o compartilhamento de resultados para que o cuidado seja revisto de forma contínua e ofereça os benefícios do conforto e de uma morte digna. Além disso, a equipe paliativista poderá estimular discussões e oferecer suporte nos momentos de reflexões do cotidiano de trabalho, motivando os profissionais da UTI a expor livremente o tema morte, tendo como alvo o papel que exercem no cuidado do paciente e de seus familiares.

Em paralelo a essas possibilidades de trabalho em conjunto, visando ao paciente, o paliativista pode oferecer um suporte às questões individuais dos profissionais diante da morte. Uma das propostas para a realização desse tipo de trabalho é utilizar a literatura infantil como

método de intervenção em uma unidade hospitalar, como a UTI. Esse método funciona como uma ferramenta de estímulo à reflexão dos profissionais da saúde para discutir o tema morte, em suas diferentes abordagens e formas de enfrentamento, buscando elaborar sugestões de melhoria pessoal e profissional nas condutas diárias do trabalho.

A LITERATURA INFANTIL COMO MÉTODO DE TRABALHO

A utilização da literatura para fins terapêuticos constitui a biblioterapia, cuja fundamentação teórica está alicerçada na ideia de que a leitura exerce uma função terapêutica sobre seus leitores, através da liberação e da elaboração das emoções. A palavra biblioterapia origina-se de dois termos gregos: *biblion* (livro) e *therapeia* (tratamento). O uso de livros como ferramenta terapêutica não é novo, pois podemos encontrar referências desse recurso desde Aristóteles até Freud.² Segundo Caldin, a biblioterapia facilita a interação entre as pessoas, estimulando a expressão de sentimentos, angústias e receios. É importante destacar que os efeitos da literatura sobre a psique podem ser potencializados no caso de a leitura ser efetuada em grupo, quando a diversidade de interpretações dos participantes enriquece as reflexões, as discussões e as elaborações psíquicas individuais que devem proceder à leitura. Outra característica desse trabalho que merece ser ressaltada é que a biblioterapia constitui uma atividade interdisciplinar, podendo ser aplicada por profissionais de diversas áreas, dependendo do local onde for aplicada, que pode ser em hospitais, escolas, asilos, penitenciárias, centros comunitários, entre outros.¹⁰

Diante da riqueza literária disponível nos dias atuais, pretende-se destacar o potencial da literatura infantil. Considera-se a literatura infantil uma literatura clássica, tendo sua origem na Índia, com a novelística popular medieval, porém constituindo-se como gênero durante o século XVII, concomitantemente às mudanças estruturais na nova sociedade. No Brasil, teve início no século XX, com as obras de Monteiro Lobato. Segundo Paiva, a expressão literatura infantil gera críticas por parte de alguns autores, que defendem que literatura é uma só, não devendo de antemão predeterminedar o público, mas corresponder aos anseios e identificações que o leitor deseja estabelecer.⁵

É de acordo com essa ideia que se pretende apresentar a literatura infantil atual enquanto recurso metafórico e poético adequado para abordar temas de difícil manejo, como a morte, o morrer e o luto. Trata-se de livros que, embora recebam o adjetivo “infantil” em função das características apresentadas, como texto reduzido e ilustrações coloridas, possuem conteúdos densos que, pela plasticidade de seu material, oferecem a possibilidade de serem esmiuçados proporcionalmente aos desejos e

à faixa etária do leitor, que pode ser dos “8 aos 80 anos”.

A estratégia de utilizar livros da literatura infantil pode ser adotada por equipes que atuam em hospitais e que atendem pessoas com diagnóstico de doença em fase avançada. Entendendo a UTI como um local em que o profissional, no seu exercício diário, enfrenta constantes exigências de tomada de decisão e resolução de conflitos, considera-se a necessidade de um trabalho de suporte específico nesse ambiente de trabalho. Segundo Menezes, apesar das difíceis decisões assumidas diariamente na UTI, parece haver nesse local pouco espaço para reflexões sobre essa prática.¹¹ Diante desse cenário busca-se com o uso de livros infantis a abertura de espaços para reflexão e discussão em torno do manejo e das dificuldades encontradas pelos profissionais de UTI quando diante da iminência da morte de seus pacientes, dando também enfoque às repercussões dessa realidade na sua vida pessoal.

A MORTE E A LITERATURA INFANTIL NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Partindo da premissa de que na UTI encontram-se comumente inúmeras e desafiadoras tarefas para o profissional, é de fundamental importância que haja ponderação entre os riscos e os benefícios das intervenções, com atenção aos aspectos globais dos pacientes e do contexto familiar. Silva *et al.* afirmam que é imprescindível que os profissionais percebam que prolongar o processo do morrer acarreta um sofrimento maior a todos aqueles envolvidos nesse momento. Na tentativa de trabalhar essas questões com o profissional da UTI, a literatura infantil, como ferramenta de trabalho em grupo, torna-se uma opção adequada por desenvolver o lúdico, a criatividade e a fantasia, estimulando repensar condutas e os posicionamentos assumidos ao longo do cotidiano. É importante salientar que, para uma boa aplicação desse recurso, é necessária uma seleção precisa do material, buscando a adequação do tipo de abordagem do livro às características e às necessidades da equipe, pois influenciam no formato da discussão e no resultado esperado do trabalho.¹²

De acordo com Paiva,⁵ na literatura infantil encontram-se diferentes formas de abordar e contextualizar a morte. Pode estar inserida como um ciclo vital da vida, através de explicações concretas e/ou fantásticas, no enredo de uma história e em atividades interativas com o leitor. Considera-se também importante o conhecimento acerca das situações enfrentadas pela equipe, identificando aquelas que provocaram maior impacto e mobilização nos profissionais. Embora a leitura de um livro possa sempre provocar efeitos positivos no leitor individualmente, destaca-se aqui a importância do trabalho em grupo. Essa metodologia de trabalho em grupo,

quando voltado para pessoas com vivências semelhantes, contribui com a troca de experiências, para que cada participante encontre com mais facilidade novos recursos de enfrentamento para suas dificuldades, enriquecendo a forma de pensar e atuar individualmente.^{9,13}

A dinâmica de grupo que utiliza a literatura infantil deve ser realizada no tempo médio de 01h30min, preferencialmente com dois profissionais coordenando o grupo. Os profissionais devem ser, necessariamente: um, do campo da psicologia, e outro atuante na equipe multiprofissional, podendo ser o médico, o enfermeiro ou o assistente social. Acredita-se que os psicólogos, de preferência com foco em CP, por suas características de trabalho, sejam os profissionais mais adequados para o manejo dessa tarefa. O número de participantes, o acervo de livros, o tempo e o espaço disponíveis determinam a estratégia utilizada para a realização do trabalho; porém, em todos os casos, a discussão será iniciada a partir da leitura de um ou mais livros selecionados. Quando a dinâmica é realizada com um grupo pequeno, em torno de 15 pessoas, pode-se oferecer uma gama de livros que, uma vez expostos, deverão ser escolhidos por cada participante, para leitura individual ou em minigrupos. No caso de grupos maiores, torna-se necessário a escolha, por parte dos coordenadores da dinâmica, de apenas um livro. Após a leitura, segue o tempo de reflexão e discussão em torno dos questionamentos surgidos a partir da leitura do texto, como: De que forma abordo a morte na minha vida pessoal e com os meus pacientes? Que lugar a morte ocupa hoje na minha vida? De que forma falo sobre a morte e o luto com os meus pacientes? No caso de grupos de trabalho desenvolvidos com regularidade, as discussões surgem a partir da demanda e do ponto de amadurecimento teórico e emocional em que se encontra a equipe, dispensando do coordenador o estímulo às discussões através de perguntas. É importante destacar que, por se tratar de um tema mobilizador de emoções, os coordenadores da dinâmica devem estar atentos às possíveis manifestações emocionais e psíquicas que podem aflorar de qualquer participante. Espera-se dos coordenadores preparo adequado para oferecer também suporte individual, quando necessário, a fim de acolher os sentimentos despertados e os efeitos emocionais exacerbados que podem ser desencadeados pelo trabalho em grupo. Por fim, diante da identificação de uma demanda individual de um dos profissionais participantes, é importante enfatizar que seja feito o encaminhamento para um suporte específico ao profissional no intuito de ajudá-lo a lidar com suas questões.

CONCLUSÃO

São muitos os desafios quando estamos diante da morte, exigindo do profissional de saúde preparo técnico e emocional para que possa, com maturidade, estabelecer um diálogo transparente e objetivo em relação à finitude

com os pacientes, seus familiares e a equipe multiprofissional. Ao propor um método de trabalho para refletir sobre a morte, o que se deseja é oferecer aos profissionais a oportunidade de discutir temas como seus medos, suas angústias e sua sensação de impotência diante da impossibilidade de cura, remissão da doença e morte do paciente. Compartilhar experiências permite ao profissional da saúde alcançar um aprendizado a fim de que exerça melhor sua capacidade de trabalho. Trabalhar e desenvolver o estilo de enfrentamento dos profissionais, especialmente do médico, para lidar com as perdas diárias inerentes à sua atuação profissional pode amenizar condutas frequentemente fundamentadas na distanásia ou na obstinação terapêutica. Ao focar o profissional da UTI, o método permite oferecer suporte emocional a uma equipe que, por suas especificidades de atuação, demanda por ações que promovam a abertura para a

discussão sobre a morte e suas repercussões na vida de todos os envolvidos.

O uso da literatura infantil através de dinâmicas de grupo procura levar aos participantes o universo metafórico da literatura, resgatando de forma lúdica as dificuldades, os questionamentos e os medos do homem com relação à morte. No contexto da UTI, a literatura infantil selecionada pode contribuir como importante alicerce de comunicação para promover o diálogo na relação profissional-paciente, entre pacientes e familiares, internamente na equipe multiprofissional, e, o mais importante, ser um exemplo contribuinte para a ampliação desse trabalho em outras áreas do campo da saúde.

CONFLITOS DE INTERESSES

As autoras declararam não possuir nenhum conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

1. Zaidhaft S. Morte e formação médica. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1990.
2. Freud S. Reflexões para os tempos de guerra e morte. Rio de Janeiro: Imago; 1974c. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. 1915; 14.
3. Áries P. História da morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1977.
4. Elias N. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
5. Paiva LE. A arte de falar da morte para crianças. São Paulo: Idéias & Letras; 2011.
6. Lucas ERO, Caldin CF, Silva PVP. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. Belo Horizonte. Perspect. Ciênc. Inf. Dez. 2006; 11(3).
7. Vianna A, Piccelli H. O estudante, o médico e o professor de medicina perante a morte e o paciente terminal. Revista da Associação Medicina do Brasil. 1998; 44(1):21-27.
8. Nuland SB. Como morremos. Rio de Janeiro: Rocco; 1995.
9. Connors AFJ, Dawson NV, Desbiens NA, Fulkerson WJJ, Goldman L, Knaus WA et al. Study to understand prognoses and preferences for outcomes and risks of treatment. JAMA . 1995; 274:1591-1598.
10. Caldin CF. A leitura com função terapêutica: biblioterapia. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Dezembro de 2001; 12.
11. Menezes RA. Díficeis decisões: etnografia de um centro de tratamento intensivo. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006.
12. Silva TJA, Jerussalmy CS, Farfel JM, Curiati JAE, Jacob-Filho W. Predictors of in-hospital mortality among older patients. Clinics 2009; 64(7):613-8.
13. Contel JOB. Trabalhando com grupos no hospital geral: teoria e prática. In: Botega NJ (org.). Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência. São Paulo: Artmed; 2006.

